



DE ABUSADAS A BICHAS VELHAS: MEMÓRIA, SOCIABILIDADE E AMIZADE NO PERÍODO PRÉ- MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO

Thiago Barcelos Soliva¹
Marcus Vinicius Silva Santiago-Silva²
Marcos Vinicius Nery Damasceno³

77

Resumo: Este artigo analisa a relação entre memória, sociabilidade e amizade a partir da experiência de dois sócios “pioneiros” da Turma OK, grupo formado majoritariamente por homens homossexuais sediado na Lapa, um bairro central do Rio de Janeiro. Este grupo tem existência ativa desde a década de 1960, quando esses homens começaram a se reunir para compartilhar experiências de vida semelhantes. O foco analítico recai nas mudanças operadas em torno da noção de “identidade homossexual” vivenciada por esses agentes a partir do surgimento do Movimento Homossexual no final da década de 1970. As narrativas desses dois “pioneiros” expressam transformações importantes na forma de se vivenciar a homossexualidade. Focalizo ainda as tensões e disputas de sentido entre esses “pioneiros” e uma geração de ativistas que surgem no contexto do moderno Movimento Homossexual. Os dados para a construção desse texto foram obtidos através de entrevista em profundidade tipo história de vida realizada com dois integrantes “antigos” da Turma OK.

Palavras-chave: Memória; Sociabilidade; Homossexualidade.

Introdução

¹ Professor Adjunto do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento na mesma universidade. Email: thiago.soliva@ufrb.edu.br

² Graduado no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) (2018) e integrante do Grupo de Pesquisa (co)Laboratório Humano de Estudos, Pesquisa e Extensão Transdisciplinares em Integralidade do Cuidado em Saúde e Nutrição, Gêneros e Sexualidades (LABTrans/UFRB/CNPq). Email: marcussantiago94@gmail.com

³ Graduando no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) (2018) e integrante do Grupo de Pesquisa (co)Laboratório Humano de Estudos, Pesquisa e Extensão Transdisciplinares em Integralidade do Cuidado em Saúde e Nutrição, Gêneros e Sexualidades (LABTrans/UFRB/CNPq). Email: vinicius.nery@outlook.com

O surgimento de espaços dedicados à sociabilidade homossexual masculina no Rio de Janeiro e em São Paulo data do século XVII⁴. Estudos como os de James Green (2000) e Carlos Figari (2007) buscaram resgatar essa vibrante vida social travada entre homens “à deriva” por desejos que só poderiam ser realizados se soturnamente negociados nas ruas, bem próximo dos olhares de um público variado. Esses trabalhos trouxeram à baila a história íntima de homens que amavam outros homens, revelando como foi se constituindo um novo tipo social forjado pela ciência (sobretudo médica) e incorporado pela opinião pública da época, o homossexual⁵.

Figari (2007), em seu trabalho sobre o homoerotismo no Rio de Janeiro, identificou um conjunto de “práticas, rotinas, comportamentos mais ou menos sedimentados, histórias afetivas, trajetórias comuns, espaços e lugares de encontro e reunião e, inclusive, linguagens próprias” (FIGARI, 2007, p. 132) adotadas por homens que amavam homens no Brasil colonial e depois imperial. O Arco do Telles, os conventos, as Boticas, os banhos públicos, dentre outros espaços públicos, ou mesmo as festas religiosas, eram utilizados para encontros clandestinos entre adeptos do amor entre iguais. Essas relações eram marcadas pela clandestinidade, característica que constituía uma experiência de sobrevivência e de transgressão entre esses homens (FIGARI, 2007).

Em seu estudo sobre a história da homossexualidade masculina no Rio de Janeiro e São Paulo, James Green (2000) revela que, entre os séculos XIX e XX, já se podia encontrar o florescimento do que o autor chama de uma “subcultura gay” em áreas específicas desses dois centros urbanos. As regiões centrais dessas duas cidades aparecem como espaços atraentes para a prática homossexual, por resguardarem o anonimato entre aqueles que procuravam e aqueles que eram procurados para uma relação sexual furtiva.

No Rio de Janeiro, a região compreendida entre a Praça Tiradentes e a Cinelândia marcou os contornos de uma cartografia dos desejos, onde prostitutas, marginais e “frescos” compartilhavam um mesmo espaço urbano, a rua, para negociarem o sexo. A

⁴ Os trabalhos de Luiz Mott (1999) têm revelado uma quantidade significativa de personagens homossexuais na historiografia brasileira, sobretudo no período pré-colonial e colonial. Contudo, nesses períodos não se tem verificado a apropriação de espaços dedicados à homossexualidade, tampouco percebe-se qualquer tipo de associativismo entre esses homens. O amor entre iguais era tão somente vivido por indivíduos isolados, não constituindo espaços e identidades baseados nesses desejos.

⁵ Neste trabalho, as categorias “gay” e “homossexual” irão aparecer de forma indiscriminada, já que é assim que os sócios da Turma OK as utilizam para se autoidentificar. Ocasionalmente, eles também adotam a categoria “entendido” para falarem de si. Sabendo dos riscos dessas classificações, sobretudo das ideias associadas a elas, achamos prudente entendê-las como categorias nativas, posto que são abundantemente usadas pelos nossos interlocutores.



freqüência de determinados grupos nesses espaços possibilitou a construção de identidades coletivas em função do reconhecimento de traços comuns. Nesse momento, as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo vão se tornando mais evidentes, passando a preocupar as autoridades competentes.

Homens com atributos físicos e comportamentos associados ao feminino dão visibilidade a esse novo tipo social. Os espaços ocupados por esses homens vão sendo identificados pelas práticas que contextualizam. O Largo do Rossio no Rio de Janeiro (hoje Praça Tiradentes), diz Green (2000), vai paulatinamente ao longo do século XIX aparecer como um espaço de sociabilidade marcado por uma freqüência majoritariamente masculina. Suas árvores e bancos harmoniosamente dispostos na praça ao estilo *Belle Époque* ofereciam um lugar propício para a interação de indivíduos que ordenam sua experiência sexual pelo desejo que possuem por seus iguais. A singularidade do comportamento desses homens – traços finos, vestuário refinado e gestualidade delicada –, contribuiu para a fixação de uma representação estereotipada da homossexualidade no período (GREEN, 2000).

O “puto” e o “fresco”, entre outras expressões que determinaram a imagem do indivíduo homossexual como aquele que se comporta dentro de um certo padrão feminino e frequenta esses espaços à procura de uma relação sexual furtiva com outros homens, são as formas condensadas pelo ideário social como única e exclusiva possibilidade de representar esses homens. Mesmo antes do “homossexual” ser forjado pela linguagem científica, este já era identificado na linguagem popular pelo uso de termos associados ao seu comportamento visto como feminino ou mesmo ligado à prostituição⁶.

Muito do que se sabe sobre os homens que amavam homens desse período foi obtido através dos escritos de psiquiatras, médicos criminologistas e antropólogos criminais. Esses estudiosos relacionavam a homossexualidade a comportamentos criminosos, motivados por fatores patológicos. Trabalhos como os de Leonídeo Ribeiro⁷,

⁶ De acordo com Parker (2002), a homossexualidade como uma forma de categorizar pessoas ficou, durante muito tempo, restrita ao discurso médico e científico, passando em seguida a uma dada elite intelectualizada. Segundo o autor, ainda na década de 1980, quando fazia suas pesquisas sobre comportamento sexual, ele percebeu que grande parte das pessoas que entrevistou, sobretudo aquelas que pertenciam às camadas populares, não pareciam ter uma consciência muito clara em relação a categorias como homossexual ou homossexualidade (PARKER, 2002, p. 67).

⁷ *Homossexualismo e endocrinologia* (1932).

Edmur de Aguiar Whitaker⁸, Francisco José Viveiros de Castro⁹ e outros se debruçaram sobre o que era considerado um “problema” de ordem pública que supostamente comprometia os destinos da jovem república e um desenvolvimento social saudável (GREEN, 2000; FIGARI, 2007). Ainda que esses trabalhos tenham mantido sintonia com as teorias acerca do tema produzidas na Europa (muitas das quais advogavam teses carregadas de conteúdo eugênico), eles trouxeram novas visões acerca desses homens e suas relações. As novidades introduzidas nesses textos dizem respeito sobretudo ao comportamento sexual desses indivíduos.

Se a ideia corrente entre os brasileiros da virada do século XIX sobre os “frescos” era a de que eles encarnavam plenamente modelos femininos, sendo, inclusive, sempre passivos nas relações sexuais, nos inquéritos realizados com esses mesmos homens essa realidade não se mostrava tão homogênea. Muitos revelariam a esses médicos que tanto desempenhavam o papel de passivo como o de ativo nas relações, oferecendo outras possibilidades de interpretar o desejo homossexual.

O período que compreende a publicação desses trabalhos – fins do século XIX ao início do século XX – marcou a apropriação de um conjunto de espaços dedicados à sociabilidade homossexual. Nessas “regiões morais”¹⁰, geralmente áreas centrais em que havia uma imensa variedade de teatros, cinemas e, sobretudo, hotéis baratos, os homens que sentiam desejos por outros homens podiam se encontrar para desfrutar de momentos de prazer. Mais do que contatos sexuais, esses espaços possibilitaram construir redes sociais baseadas no reconhecimento do outro como igual. Essas redes se tornariam mais intensas nas décadas de 1950 e 1960, quando a história da homossexualidade passaria a ser contada não mais pelos “doutores da pureza” (FRY, 1982) que forjaram seu nome, mas pelos próprios indivíduos que a vivenciavam.

Dialogando com este contexto, este artigo analisa a relação entre memória, sociabilidade e amizade a partir da experiência de dois sócios “pioneiros” da Turma OK, grupo formado majoritariamente por homens homossexuais sediado na Lapa, um bairro central do Rio de Janeiro. Este grupo tem existência ativa desde a década de 1960, quando

⁸ *Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo: aspectos de sua vida social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria”* (1938-1939).

⁹ *Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual* (1934).

¹⁰ Para Robert Park (1973), as grandes cidades não são organizadas apenas em função de fatores econômicos e profissionais. Gostos, estilos e interesses individuais modulam espaços de convivência dentro das grandes metrópoles. Esses espaços são procurados para encontros com objetivos de diversão e prazer.



esses homens começaram a se reunir para compartilhar experiências de vida semelhantes. O foco analítico recai nas mudanças operadas em torno da noção de “identidade homossexual” vivenciada por esses agentes a partir do surgimento do Movimento Homossexual no final da década de 1970. As narrativas desses dois “pioneiros” expressam transformações importantes na forma de se vivenciar a homossexualidade. Focalizo ainda as tensões e disputas de sentido entre esses “pioneiros” e uma geração de ativistas que surgem no contexto do moderno Movimento Homossexual.

Notas sobre o trabalho de campo

O material que possibilitou construir esta pesquisa foi obtido por meio de narrativas de história de vida de dois integrantes da Turma OK: Agildo Bezerra Guimarães¹¹ e Anuar Farah. Ambos os integrantes, já falecidos, foram importantes atores sociais no período anterior ao surgimento do movimento homossexual no Brasil.

Meu primeiro contato com Anuar Farah foi através de uma integrante da Turma OK. *Carla* é uma travesti que soube a respeito da Turma OK em 2002, quando participava de um grupo formado por *crossdressers*, o *Brazilian Crossdresser Club*¹². Na ocasião, ela se dizia *crossdresser*¹³. Contudo, sua inserção em grupos de militância LGBT fez com que se identificasse como travesti. *Carla* tem 51 anos, é negra e trabalha como secretária no Centro de Referência Contra Homofobia do Estado do Rio de Janeiro. Ela frequenta a Turma OK desde 2008. Conheci *Carla* em uma das muitas noites em que estive na Turma OK, quando fazia questão de sentar-me à mesa com pessoas desconhecidas para conversar

¹¹ Os nomes desses dois sócios estão disponíveis em diferentes materiais de divulgação (site e redes sociais) adotados pela Turma OK para falar de si. Optei por deixar esses nomes, e não usar nomes fictícios, pelo fato deles serem notoriamente conhecidos pelo grupo como fundamentais no seu processo de constituição. Anuar Farah e Agildo Guimarães são inclusive entrevistados e citados em outros trabalhos, como os de James Green (2000), sobre a vida social de “bichas” e “bofes” no período anterior a emergência do movimento homossexual. Os outros nomes de interlocutores que aparecem ao longo do texto foram substituídos por nomes fictícios grafados em itálico, de forma a preservar o anonimato e o sigilo dos mesmos.

¹² Um estudo detalhado desse grupo encontra-se na tese de doutorado de Anna Paula Vencato (2009), intitulada “*Existimos pelo prazer de ser mulher*”: uma análise do *Brazilian Crossdresser Club*, defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia – IFCS – UFRJ.

¹³ De acordo com Anna Paula Vencato (2009), *crossdressing* seria a prática de vestir-se com roupas e acessórios que socialmente são identificados como do sexo oposto ao da pessoa que as usa. Nessa prática, vestir-se do outro sexo não implica manter relações homossexuais.



e colher informações sobre o grupo. Logo que a conheci, apresentei-me como pesquisador, expondo os objetivos de minha pesquisa. *Carla* mostrou-se sempre muito solícita. Por sua sugestão cheguei a Anuar Farah. Ela disse quem ele era, e também para eu aguardar seu contato, pois veria com ele a possibilidade de eu entrevistá-lo. Esperei por três dias até que *Carla* retornou o contato com o número de Anuar.

Liguei para Anuar imediatamente e expliquei a ele os objetivos do estudo. Anuar pareceu-me seco na conversa, disse que não queria mais falar sobre a Turma OK, que o faria única e exclusivamente pelo “apreço” que nutria por *Carla*, a qual havia solicitado esse favor. Agradei e marcamos um dia para nos conhecermos e para eu começar o meu trabalho. Em 26 de janeiro de 2011, às 15 horas, estava em frente ao apartamento dele, na Tijuca. Ao tocar a campainha, fui recebido por um senhor moreno, de cabelos curtos e grisalhos, alto, um pouco fora do peso e com uma voz suave. Anuar tinha 72 anos, mas aparentava ter menos idade. Seu apartamento era pequeno, de um quarto apenas, decorado com quadros e estátuas de inspiração homoerótica. Anuar divide esse espaço com um filho de criação, que não cheguei a conhecer, mas com quem falei pelo telefone algumas vezes, já que sempre ligava para Anuar para solucionar alguma dúvida em relação à Turma OK.

Ao me receber, Anuar disse novamente que não queria falar sobre a Turma OK, pois havia saído da associação muito magoado, em função de problemas que enfrentara com alguns dos sócios, e que aceitou conceder a entrevista em função da amizade que tinha com *Carla*. Mais uma vez agradei e, depois de contar a ele sobre o meu interesse de pesquisa, começamos a conversar. Para a entrevista, adotei o formato de roteiro semiestruturado, dividindo as perguntas de acordo com os objetivos da pesquisa. Essas perguntas organizaram-se em torno da trajetória da Turma OK, bem como da dinâmica das interações entre seus sócios.

Como resultado, obtive uma história da Turma OK. A história contada por ele é uma versão singular, que se relaciona com um contexto mais amplo de transformações socioculturais pelas quais passava a sociedade brasileira. Talvez essa mesma história fosse contada de uma forma diferente se aqueles que detêm a “autoridade narrativa” fossem exclusivamente sócios mais novos, ou mesmo ativistas do movimento homossexual contemporâneo. Essa história se inscreve em um processo que Michel Pollak (1989) identifica como “enquadramento de memória”. Para o autor:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p. 09).

Essa história é o que podemos classificar por uma “história autorizada”. Trata-se de uma versão da história traduzida pelos indivíduos que a vivenciaram e a estão narrando a partir de sua experiência. A memória que esses homens constroem tem o objetivo de manter a coesão desse grupo, ao mesmo tempo em que define fronteiras de significados em relação a outros grupos, como as outras Turmas do passado e, logo depois, com os ativistas do moderno movimento homossexual.

A autoridade da qual são investidos esses indivíduos em relação aos rumos da história narrada os torna, ainda de acordo com Pollak (1989), “profissionais da história”, ou como sugere Myriam Lins de Barros (1989), “guardiões da memória”. São indivíduos encarregados de reter a memória do grupo, sob pena de a mesma se perder. Pude observar a atuação desses “profissionais da história” quando, conversando com Álvaro Marques, ele disse que gostaria de ler minha dissertação antes que eu defendesse. Presumi que Álvaro estaria preocupado com o tipo de informação que poderia estar contida no trabalho. Essa preocupação se justifica em função da imagem que esses homens querem transmitir para o público.

No fim da entrevista, perguntei a Anuar se sabia onde se encontrava Agildo Guimarães, outro antigo sócio da Turma OK. Anuar disse que Agildo estava muito doente, morando na casa de parentes no bairro de Campo Grande. Contou que ele não conseguia falar e que não poderia receber a visita de um pesquisador interessado em sua trajetória. Essas informações foram confirmadas por outros sócios da Turma OK que eram próximos de Agildo, como José Rodrigues. Decidi recorrer a outra estratégia para ter acesso a Agildo. Tinha lido a dissertação de mestrado de Rogério da Costa (2010) sobre o jornal *O Snob* alguns meses antes de iniciar meu trabalho de campo. Nesse trabalho, o autor entrevistou Agildo Guimarães, além de analisar o conteúdo da publicação idealizada pelo próprio.

Consegui o contato com Rogério através de uma amiga do mestrado¹⁴. Escrevi um e-mail no qual expus a impossibilidade de entrevistar Agildo e solicitei as entrevistas que

¹⁴ Agradeço a Mayara Gonzalez por essa sugestão valiosa.



ele tinha feito com o mesmo. Fui atendido prontamente. Rogério cedeu as entrevistas que tinha realizado com Agildo em duas ocasiões, 09 de fevereiro de 2008 e 12 de setembro de 2009, totalizando duas horas e trinta minutos de conversas. As perguntas se aproximavam muito daquelas que eu havia feito a Anuar, girando em torno do contexto sociopolítico da época, dos encontros entre homossexuais nos apartamentos, relatos do que acontecia dentro dessas Turmas e também conversaram sobre os pequenos jornais que editavam.

Agildo Guimarães é pernambucano, chegou ao Rio de Janeiro em 1952. No Rio, Agildo fundou o jornal *O Snob*, uma publicação de circulação restrita responsável por veicular notícias do “gueto”. Este é um personagem central para se compreender o surgimento da Turma OK. Não pude conhecê-lo pessoalmente, mas as duas entrevistas me emocionaram muito, sobretudo quando ele revelou a sua idade, 79 anos, momento que ele chorou copiosamente, lembrando-se da sua juventude e vida pessoal.

Os encontros nos apartamentos

As décadas de 1950 e 1960 foram de transformações importantes nos campos político e cultural. No plano político, o mundo se reconstruía da Segunda Grande Guerra, sendo repartido entre os vencedores em dois blocos antagônicos: capitalistas e socialistas. No campo cultural, a década de 1950 marcou a chamada “idade do ouro” do cinema norte-americano, imortalizado pela figura de Marilyn Monroe e pela rebeldia protagonizada por James Dean. Um novo ritmo despontava com força total, o *rock and roll*, consagrando Elvis Presley como o seu rei.

No Brasil, Juscelino Kubitschek assumia a presidência da república prometendo, já em seu primeiro dia de governo, avançar “*Cinquenta anos em cinco*”. O país se modernizava, tendo como símbolo máximo desse processo a construção de Brasília, uma cidade planejada como capital da república encravada na região Centro-Oeste do Brasil. Poucos anos depois, um Golpe de Estado protagonizado pelos militares mergulharia o país em um período conturbado que mudaria a vida de muitos brasileiros.

Simultaneamente, vivia-se o glamour da “Era de Ouro” do rádio e dos concursos de Miss. Esses eventos levaram milhares de pessoas a ocuparem os auditórios e teatros onde estes aconteciam, motivadas pelo prazer de ver suas divas no palco. Muitos desses fãs eram homossexuais, que se organizavam em fã-clubes para adorar essas mulheres.

Esses fã-clubes, segundo Green (2000) e Figari (2007), foram importantes espaços de convivência por meio dos quais esses homens podiam entrar em contato com outros que compartilhavam gostos semelhantes. Para Green,

A participação nos concursos anuais de beleza para a escolha da “Miss Brasil” permitia demonstrações públicas do estilo e da atitude *camp*, além de oferecer a oportunidade de avaliar e desafiar as noções tradicionais de beleza, da moda e do glamour femininos (GREEN, 2000, p. 253).

Anuar lembra que os concursos no Maracanãzinho consagrados à escolha da mulher mais bela do Brasil eram momentos inesquecíveis para ele e outros amigos que o acompanhavam no evento.

O chique, o maravilhoso era você sentar-se na arquibancada, no último lance da arquibancada... No último lance, as “deslumbradas”, aquelas bichas... aquelas louquinhas, elas desfilavam lá em cima, e cá embaixo nós todas lindas, maravilhosas, modelos lindas. Cada uma fazia a sua roupa para ir no coisa, tinha gente lá... de estola de pele, mil coisas (Anuar Farah, entrevista concedida em 26 de janeiro de 2011).

Até a segunda metade da década de 1950, o Rio de Janeiro não contava com espaços dedicados exclusivamente à sociabilidade homossexual¹⁵. A homossexualidade era vivida em “regiões morais”, onde homens que se sentiam atraídos sexualmente por outros homens podiam se encontrar para uma relação sexual fortuita em motéis baratos, cinemas ou na rua. O carnaval era outra oportunidade com a qual os homossexuais contavam para negociar espaços com a sociedade mais ampla. Durante os dias comandados por Momo, vários homens, homossexuais e heterossexuais, iam para as ruas vestidos de mulher para aproveitar os dias de folia.

As manifestações carnavalescas foram importantes espaços por meio dos quais a homossexualidade começou a ganhar visibilidade (GREEN, 2000; GONTIJO, 2009). O trabalho de Fabiano Gontijo (2009) sobre a participação dos homossexuais em situações ritualizadas do carnaval do Rio de Janeiro lança luz sobre o processo de construção e reforço de imagens identitárias de “homens que transam com homens” durante esses festejos. Para ele, as situações carnavalescas, através do jogo e do gozo, puderam mediar

¹⁵ Segundo James Green, a década de 1960 marcou uma mudança na mentalidade de alguns empresários do ramo do entretenimento. Esses empresários perceberam a crescente demanda por espaços dedicados a atender homossexuais, e passaram a apoiar as políticas que estimulavam a presença de uma clientela gay (GREEN, 2000, p. 262). Rogério da Costa (2010) descobriu, em sua pesquisa sobre o *Snob*, que foi somente a partir de 1965 que começaram a surgir espaços exclusivamente frequentados por um público homossexual.

a reivindicação de direitos iguais e de reconhecimento para os homossexuais. Como uma espécie de “caricaturização” dessa demanda política, o carnaval facultou experienciar esse “reconhecimento”, o qual pôde ser, mais tarde, incorporado à regularidade da vida social, fora do comando de Momo (GONTIJO, 2009).

As mulheres também foram beneficiadas pela inversão momentânea das regras promovidas pelo carnaval. Segundo a historiadora Raquel Soihet (2000), nos dias de folia as mulheres podiam desfrutar de certa liberdade em relação ao uso dos seus corpos. Essas liberdades incluíam a exibição de partes do corpo que em outros dias do ano seria impossível e a aproximação corporal-erótica com homens ou mesmo com outras mulheres através de danças sensuais (SOIHET, 2000).

Na década de 1960, a região do centro cedeu lugar ao moderno bairro de Copacabana como espaço que concentrava amplas possibilidades de diversão, incluindo sexuais. O variado cardápio de cinemas e teatros chamava a atenção dos entusiastas da noite. Segundo José Rodrigues, havia, em Copacabana, nas intermediações da Rua Barata Ribeiro, onde morava em um conjugado, cerca de dezesseis cinemas de rua. O Cinema Metro¹⁶ era um desses locais. O espaço tinha uma sessão noturna que começava às 24 horas, muito procurada pelas *bichas*, conforme conta José Rodrigues. Essa última sessão acabava por volta das 2 horas da manhã, quando muitas *bichas* saíam acompanhadas dos seus “bofes” em direção aos seus apartamentos. José Rodrigues diz que a atmosfera de animação era iniciada horas antes de começar a celebrada sessão, quando os cafés e bares da região ficavam lotados de *bichas* e “bofes” que conversavam animadamente. As mais “sortudas”, que conseguiam tirar proveito desse espaço de convivência, já entravam no cinema acompanhadas, como confidencia José Rodrigues.

Copacabana oferecia também outro espaço importante para os homossexuais cariocas, a praia. A porção de areia e mar localizada em frente ao Hotel Copacabana Palace seria, ainda na década de 1960, conhecida como “bolsa de valores”, alcunha conferida ao local em função da possibilidade de ver e ser visto, onde os corpos masculinos podiam ser

¹⁶ O Cinema Metro não era um “cinema de pegação”, ou seja, voltado para encontros sexuais furtivos e casuais entre homens. Ele era famoso por passar filmes que acabavam de ser lançados pelo mercado cinematográfico internacional da época, sendo frequentado por diferentes pessoas. De acordo com os relatos de Agildo Guimarães e José Rodrigues, os “cinemas de pegação” se concentravam na região central da cidade, sobretudo nas intermediações da Praça Tiradentes. José Rodrigues diz que esses cinemas estavam longe de ser espaços onde reinava a impessoalidade associada à racionalidade sexual. Havia uma íntima relação entre os homens que frequentavam esses espaços, sendo feitas, até mesmo, festinhas de aniversários, com direito a bolo e refrigerante entre eles dentro do cinema.



avaliados para o deleite dos homossexuais que ali compareciam (FIGARI, 2007). A praia possibilitou a coexistência dos homens homossexuais com os não homossexuais, dando visibilidade aos primeiros.

Nesse momento, migraram para o Rio de Janeiro jovens de diferentes municípios fluminenses e mesmo de outras regiões brasileiras, principalmente de cidades nordestinas. Foi o que aconteceu com Anuar Farah, que chegou ao Rio em 1960, vindo do Norte Fluminense. O sonho de morar em Copacabana era uma constante entre esses homens, mas nem todos conseguiam realizá-lo na prática. O caso de Anuar é bem específico. Ele era filho de uma família de comerciantes que pertenciam às classes médias e altas da sociedade¹⁷ campista. Sua vinda para o Rio de Janeiro contou com o apoio financeiro de seus pais.

Anuar Augusto de Farah y Jaber tinha 72 anos quando o entrevistei, sendo 52 deles vividos no Rio de Janeiro. Nascido em Campos dos Goytacazes em 1939, em uma família de sete irmãos, Anuar veio para a capital para acompanhar um namorado alemão, Peter. Tinha apenas 17 anos quando decidiu se “casar” com Peter. Sua família, de origem árabe, sabia da sua sexualidade, o que, segundo Anuar, não era um problema para a mesma. Peter, seu namorado, em um dado momento, teve de vir para o Rio de Janeiro. Para conseguir sair de sua cidade para acompanhá-lo, Anuar disse aos pais que viria para o Rio com o objetivo de estudar. Chegando ao Rio, foi morar em uma pensão em frente ao Aeroporto Santos Dumont. Pouco tempo depois, seu namorado voltou para a Alemanha, deixando Anuar sozinho no Rio. Segundo ele, a partir desse momento, descobriu as possibilidades de diversão homossexual oferecidas pela cidade. Começou a ir mais regularmente a locais frequentados por outros homossexuais.

Foi nesses espaços que Anuar conheceu Agildo Guimarães que veio do Recife para o Rio. Agildo Bezerra Guimarães¹⁸ chegou ao Rio de Janeiro em 1952, com 22 anos de idade. Aqui, encontrou outros conterrâneos, José Rodrigues e José Ramalho. Agildo disse que ficou algum tempo no Rio tentando se adaptar. Encontrar esses amigos e entrar para

¹⁷ A insuficiência de dados sobre homens homossexuais pertencentes às classes populares nesse período não nos permite conhecer outros espaços da cidade apropriados para fins de sociabilidade. Creio que a leitura dos jornais produzidos pelas Turmas de outras regiões como o subúrbio carioca ofereça subsídios para pensar essas outras formas de sociabilidade, que possivelmente existiram.

¹⁸ Entrevista gentilmente cedida por Rogério da Costa. Na ocasião desta pesquisa, Agildo Guimarães encontrava-se em delicado estado de saúde, morando com parentes em Campo Grande. Todas as referências encontradas neste trabalho acerca de Agildo Guimarães foram obtidas por Rogério da Costa em entrevistas gravadas para a sua pesquisa de mestrado.

um curso de teatro foram eventos importantes para esse processo de adaptação. Nesse momento, Agildo morava com sua “mãe de criação” (uma mulher que tivera sido sua “babá” no Recife) no Morro da Favela (hoje Morro da Providência). O dinheiro para seu sustendo vinha dos seus pais, que o mandavam do Recife. Contudo, Agildo também chegou a trabalhar em uma loja de eletrodomésticos¹⁹ na Rua da Assembleia, centro da cidade. Reunindo amigos que fez nas aulas de teatro e em outros locais, Agildo fundou uma “Turma” e começou a produção de um jornal artesanal, chamado *O Snob*.

Pegando de empréstimo o nome do jornal, a “Turma do Agildo” ficaria conhecida como a “Turma do *Snob*”. De acordo com Agildo, o nome “Snob” teria sido escolhido em função de uma loja de móveis e objetos antigos que ficava na Rua Barata Ribeiro, em Copacabana. Agildo ressalta que o nome não tinha nenhuma relação com o espírito que animava o grupo, pois ninguém ali era de fato uma pessoa esnobe, “uma pessoa metida a besta”. A partir da experiência com *O Snob*, Agildo conheceu Carlos Miranda, também conhecido como Ceeme, que já frequentava as reuniões da Turma OK e o teria levado a participar do grupo. Pouco tempo depois, Anuar também seria apresentado à Turma OK através de sua amizade com Agildo Guimarães.

Anuar Farah, Agildo Guimarães e José Rodrigues foram três entre tantos outros homossexuais que vieram para o Rio entre as décadas de 1950 e 1960. A “aventura”²⁰ de sair da cidade de origem, geralmente cidades com uma rígida moralidade, para um grande centro urbano vinha acompanhada de expectativas positivas em relação à possibilidade de viver mais abertamente a homossexualidade. A vida nas grandes cidades permitiria desenvolver uma “técnica da vida metropolitana” (SIMMEL, 1973), com a qual se abre um leque de possibilidades infindáveis, facultando a criação de múltiplas condições de vida. Dado esse fluxo incessante de interações sociais e a coexistência de diferentes formações societárias, a grande cidade se diferencia da vida nas pequenas cidades, supostamente carente de liberdade, visto que pouco tolerante à excentricidade (PARK,

¹⁹ Por ser de uma família “bem relacionada” no Recife, Agildo conquistou bons empregos em órgãos públicos, como o Ministério da Aeronáutica, tendo se aposentado por uma outra instituição federal, a qual não soube precisar na entrevista concedida a Rogério da Costa.

²⁰ A aventura a que me refiro se relaciona com as reflexões de Simmel sobre esse assunto. Para esse autor, a aventura seria uma forma de experiência com a qual se acentuaria o conteúdo de um dado processo de vida. A aventura guardaria algo de incalculável que extrapolaria a regularidade da vida, impondo um elemento de diferenciação em relação a esta. Assumindo essas características, o “indivíduo aventureiro” se abandonaria “às forças e às chances do mundo”, para Simmel (1988), sendo o seu êxito ou não definido pela sorte.



1973). A cidade, consagrada por Simmel como “unidade simbólica”, cuja extensão funcional extrapola suas fronteiras físicas, ofereceria um locus privilegiado para a realização de uma dada liberdade, cujos reflexos se expressariam em uma ampliação das possibilidades de movimentos, deslocamentos, encontros, trânsitos e fixações.

Em função dessas características que reúne, a cidade acaba por se transformar em espaço propício para a reprodução de estilos de vida marcados pela marginalidade, incluindo a “vida gay”. Em seu estudo sobre a homossexualidade feminina no Rio de Janeiro, Jaqueline Muniz (1992) revela que além do cosmopolitismo, a “vida gay” se beneficiaria de outros elementos tomados de empréstimo da “vida metropolitana”, à deriva e o nomadismo. Esses dois elementos permitem aos indivíduos o acesso indiscriminado a universos clandestinos, por meio dos quais transitam diferentes marginálias, sem, contudo, colocarem em risco seu anonimato. Para a autora, “o anonimato presente nas metrópoles permite não só uma certa transividade entre mundos como também propicia a proliferação de universos morais cuja pretensão é, de fato, transcender os seus próprios endereços culturais” (MUNIZ, 1992, p. 202).

A possibilidade de “trânsito entre mundos” é um traço permanente da cidade, visto que proporciona aos cidadãos “passar rápida e facilmente de um meio moral a outro, e encoraja a experiência fascinante, mas perigosa, de viver ao mesmo tempo em vários mundos diferentes e contíguos, mas de outras formas amplamente separados” (PARK, 1973, p. 62). Por acolher essa multiplicidade de mundos, torna-se relativamente fácil para os indivíduos que habitam a cidade encontrar um mundo com que se sintam à vontade, pelo qual se sentem atraídos. A “atração da metrópole”, como definiu Park (1973), encontra explicação nessa possibilidade de acolhimento, de encontros, de identificações com outros indivíduos que compartilham de um mesmo “código moral divergente”.

Paralelamente, a dinâmica dos movimentos cidadãos coloca os indivíduos em uma eterna errância, em um nomadismo. Esses indivíduos estão sempre em movimento, mas ao mesmo tempo estão submetidos aos fluxos da grande cidade, como se estivessem à deriva. Esses dois componentes implicam uma potencialização das situações sociais nas quais comanda o acaso²¹ (PERLONGHER, 1987). A busca pelo inesperado, pelo

²¹ A lógica do acaso, contudo, não é algo aceito pelos indivíduos como um dado inevitável. Analisando essa questão, Perlongher (1987) aponta para o que chama de uma “organização do acaso” com o qual são calculados os riscos que podem ser evitados para uma maximização do prazer.

“acontecer na rua”, investe a cidade de um gosto pela aventura, sem a qual a vida se tornaria tão monótona ou mesmo insuportável.

O fenômeno classificado por Laud Humphreys (1979) como “êxodo homossexual” se relaciona a essa “atração da metrópole”, sobre a qual escreveu Park (1975). Esse fenômeno foi observado em diferentes pesquisas que trataram do florescimento da sociabilidade homossexual em grandes centros urbanos. Consiste na migração²² de homens homossexuais de diferentes cidades, geralmente marcadas por moralidades rígidas, para grandes cidades, contribuindo para a construção de uma subcultura baseada em relações de amizade. Em *Gay New York*, George Chauncey (1994) aponta para a concentração de uma população homossexual já em 1890 em regiões da cidade como na *Bowery Street*, ao sul de *Manhattan*. Na década de 1920, essa população se desloca para o *Greenwich Village*, o *Harlem* e a região da *Times Square*. No Brasil, o estudo de Carmem Dora Guimarães (2005) sobre uma *network* de “entendidos” na década de 1970 no Rio de Janeiro apontou para um fenômeno semelhante. A autora percebeu que os homens que estudava eram todos de fora do Rio de Janeiro, sobretudo de Belo Horizonte (oito das treze pessoas que entrevistou). Muitos desses homossexuais se fixavam na Zona Sul daquela cidade “em busca de liberdade e não identificação” (GUIMARÃES, 2005, p. 103).

Nas grandes cidades, eles podiam viver menos pressionados por grupos como a família e a vizinhança que, quase sempre, os forçavam à existência em uma “vida dupla” (COSTA, 2010; GREEN, 2000), tendo que promover táticas de encobrimento de sua identidade (GOFFMAN, 1976). Distantes da família e das pessoas conhecidas, esses homens que amavam homens puderam desenvolver no Rio de Janeiro uma vida associativa, impossível naquele momento em cidades que não desenvolveram essa “técnica de vida metropolitana”. Essa vida social manifestava-se por meio de uma rede de amizades organizadas no que chamavam de “Turmas”. Agildo Bezerra Guimarães fala sobre esse processo migratório.

Às vezes, as pessoas não imaginam o que era naquela época sair das suas cidades para vir para o Rio. O Rio era como se fosse a nossa redenção... que

²² Essa migração não se deu apenas em função de uma necessidade de liberdade sexual. Muitos desses homens também procuravam melhores condições de vida que incluía um bom emprego e acesso a bens culturais que não podiam ter em suas regiões de origem. Viver a homossexualidade foi apenas um componente, claro que importante, no complexo cálculo feito por muitos desses homens entre deixar ou ficar na cidade em que nasceram (PARKER, 2002).

aquela coisa... que a gente achava que vinha para aqui e seria tudo melhor, e em parte era, porque lá era uma perseguição muito pior do que no Rio, porque a gente não podia fazer nada, nada. Só que o homossexual é um animal muito corajoso, porque, olha, naquela época nós tínhamos quartinhos. Alugava quartos para encontro. Então, era muita coragem. E pensávamos em vir para o Rio, e no Rio, aqui a gente tinha a nossa, como é que chama? Podíamos fazer o que queria, não era como hoje, mas já se fazia. Nos Estados Unidos a gente ficava sabendo das histórias, dos Estados Unidos, né? Dizem que em Buenos Aires era muito pior. As bichas argentinas vinham tudo para cá, por que eles em Buenos Aires era uma perseguição terrível, terrível mesmo. Eles vinham para cá. Tinham umas bichas que elas vinham ao Rio só para transar... Então era isso, a gente procurava o Rio como se fosse o “El Dorado”, aí, vinha pra aqui... Ainda bem, ainda bem que eu me associei a amigos, pessoas boas, educadas, de família. Então, nós fizemos a nossa vida, a nossa sociedade aqui (Agildo Guimarães, entrevista concedida em 09 de fevereiro de 2008).

A chegada ao Rio de Janeiro tinha como consequência a ampliação do campo de possibilidades eróticas em relação às opções de entretenimento e a maximização do prazer oferecidos pela cidade. A respeito dessas “novidades” fala Agildo:

Era uma coisa maravilhosa, você podia andar, você conhecia as pessoas na rua, sabe. Havia aquelas pegações [*Aqui Agildo Guimarães pergunta ao entrevistador se o mesmo já havia lido Proust, para logo traçar um paralelo entre a obra daquele autor e o que ocorria no Rio de Janeiro*]. Pois é, era um pouco daqui, você sabe. Era porque você tinha, assim, as coisas que existiam naquela época na França pra ele, existia aqui no Rio, sabe? Era uma “pequena França” maravilhosa, rapaz, você não pode imaginar! Você podia andar na rua, podia fazer pegação (Agildo Guimarães, entrevista concedida em 09 de fevereiro de 2008).

Muitos dos que chegavam aqui iam morar em Copacabana, que teria se transformado em um símbolo de modernidade. Anuar foi morar em Copacabana na década de 1960. Perguntei a ele por que Copacabana, já que ele tinha morado no Centro e na Tijuca, ao que respondeu: “Por que era o chique, era o máximo! Todo mundo só pensava em Copacabana. Copacabana era tudo, tá entendendo? Ir para o calçadão de Copacabana, desfilarmos, andar. Copacabana era o máximo!”. Anuar conta que muitos concursos eram feitos nas areias desse bairro, elegia-se a “rainha da bolsa”. Uma corda separava as “candidatas” do público, que assistia a homens com trejeitos femininos desfilarem de sunga pela passarela improvisada. O ganhador era premiado com faixas e muitos aplausos. Essas “liberdades” tornaram Copacabana um “*El Dorado*” para os homossexuais.

A imagem de Copacabana como um bairro moderno, notívago e repleto de opções de comércio e lazer presente nas narrativas dos homens desse período se relaciona com as análises de Gilberto Velho (1989) sobre essa localidade. Em seu trabalho sobre um prédio




em Copacabana e seus moradores, Velho (1989) revela que a escolha por morar no bairro, ainda que em apartamentos muito pequenos, está associada à forma como a sociedade brasileira articula o local de moradia ao prestígio social. Morar em Copacabana significava mais do que ficar perto do comércio e das oportunidades de lazer, simbolizava uma forma de ascensão social.

Essa percepção se relaciona à histórica hierarquia espacial com a qual o Rio se constituiu como cidade. Através dessa hierarquia, bairros da Zona Norte e da Zona Sul são pensados como espaços geograficamente e simbolicamente distintos (HEILBORN, 1999). Agildo diz que a Zona Sul era considerada, de fato, o Rio de Janeiro. Já a Zona Norte era vista como um “espaço perigoso”, onde as *bichas* estavam expostas à perseguição policial e a outros tipos de violência. Para alguns estudiosos do Rio de Janeiro, essas imagens acerca das duas regiões da cidade implicam moralidades diferenciadas. Enquanto a Zona Sul é vista como um espaço mais sensível às transformações societárias que ocorreram nos últimos anos em escala mundial, em função do cosmopolitismo que o cerca, a Zona Norte é percebida como composta de bairros mais conservadores ou mesmo “atrasados” em relação às ideias igualitárias que animam a Zona Sul²³ (PARKER, 2002).

Mudar para o Rio de Janeiro era certamente uma possibilidade encontrada por esses homens para conquistar espaços de convívio dentro da sociedade. Contudo, viver no Rio, ou mesmo em Copacabana, não os protegia de situações de violência e preconceitos. Anuar relembra que, à época, ele e seus amigos buscavam sempre andar no “lotação”, ônibus pequenos que cortavam quase toda a cidade. Essa estratégia impedia que fossem alvejados nas ruas por grupos hostis. A ação desses grupos consistia, entre outras coisas, em jogar milho e chamar os homossexuais de “galinha” quando estes passavam pelas ruas. Lembrando desses episódios, Anuar conta que, na Rua Miguel Lemos, em Copacabana, a presença dos homossexuais era proibida. Se entrassem naquela rua eram apedrejados por rapazes que lá moravam. Mesmo na “bolsa” (Praia de Copacabana) não se estava seguro

²³ A distinção entre Norte-Sul também é responsável pela circulação de determinadas imagens sobre a homossexualidade que foram sendo construídas no Rio de Janeiro. De acordo com essas imagens, a Zona Sul, ou mesmo o centro, seriam espaços onde se podia viver uma “homossexualidade moderna”, em função da moralidade elástica que caracterizaria as classes médias que habitam esses bairros. Já na Zona Norte se viveria uma espécie de “homossexualidade arcaica”, mais submetida às influências do grupo familiar e da vizinhança (PARKER, 2002, p. 203).



contra episódios de violência. Agildo diz que, algumas vezes, ele e seus amigos foram alvo de rapazes que lhes jogavam areia em cima.

Entre as décadas de 1950 e 1970, algumas “Turmas” surgiram no Rio de Janeiro. Em seu estudo sobre o jornal *O Snob*, Rogério da Costa (2010) contabilizou nove Turmas atuantes nos dois primeiros anos de existência daquela publicação (1963-1964). Essas Turmas adotavam, quase sempre, o nome da localidade da qual seus membros faziam parte: Turma do Catete, Turma de Copacabana, Turma da Zona Norte, Turma do Leme, Turma OK, Turma da Glória, Turma de Botafogo e o Grupo Snob (COSTA, 2010).

Esses grupos se reuniam nos apartamentos dos amigos que abriam suas portas para conhecidos e outros convidados. Recebiam ainda membros de outras Turmas, animando uma agitada vida social baseada em duradouros laços de amizade. Eram reuniões informais nas quais se conversava sobre amenidades, ideias eram trocadas, ria-se e flertava. Cada um trazia um prato que era compartilhado por todos os presentes. Ali, todos eram conhecidos, eram amigos, portanto, poderiam ser “eles mesmos”, sem tentar esconder as suas preferências sexuais.

As atividades das Turmas não se restringiam apenas às reuniões sociais, mas também a jantares, passeios pela cidade, excursões em ônibus para fora da capital, piqueniques em parques e as esperadas “festas temáticas”, que demandavam muito tempo e esforços para serem organizadas (COSTA, 2010). As festas eram o coroamento máximo dessas reuniões. Nesses eventos surgiram os concursos de miss (gay), espetáculos e outras comemorações que os mantinham coesos.

Essa intensa vida social gerou a necessidade de criar um jornal, *O Snob*, dedicado a divulgar o calendário das festas e outras atividades promovidas por essas Turmas. Em torno desse jornal se reuniu uma Turma, a “Turma do Snob”, que acabou por se transformar em um “lugar de encontro” dos indivíduos que também pertenciam a outras Turmas.

Os encontros nos apartamentos representavam oportunidades para travar contato com indivíduos que compartilhavam experiências comuns, baseadas no reconhecimento de “outros” como “iguais”. Por meio dessas experiências foi se constituindo no Rio de Janeiro uma densa rede de amigos homossexuais que começavam a tornar pública uma cultura considerada marginal e clandestina. Diferente daquela sociabilidade que se estruturou em espaços públicos como praças, ruas e banheiros, as Turmas de amigos

homossexuais marcaram a transição de um comportamento sexual (mais ou menos público) para uma identidade sexual, já que começaram a consolidar um conjunto de saberes do que seria “ser homossexual”.

De abusadas a *bichas* velhas: memória e mágoa na formação do moderno Movimento Homossexual Brasileiro

As Turmas de *bichas* e *bofes* foram se dissolvendo no início da década de 1970. O arrefecimento desses grupos veio acompanhado do desmonte dos jornais editados e distribuídos por eles. O *Snob* deixa de circular em 1969. De acordo com Green (2000), o motivo principal que teria levado à decisão de não mais editar o jornal foi o medo compartilhado por esses homens de serem confundidos com militantes de esquerda, brutalmente reprimidos pelo regime militar. Acredito, contudo, que essa dissolução das Turmas se articula a um outro processo pelo qual passa a história da homossexualidade, a redefinição da identidade homossexual. Simultaneamente, ocorrem tentativas minguadas de organização de grupos de militância homossexual pelo Brasil.

Em 1978, é lançada a edição zero do jornal *O Lampião da Esquina*. Essa publicação tinha um outro formato daquele adotado pelas antigas publicações das Turmas de *bichas* e *bofes*. A ideia de confeccionar esse jornal veio de um grupo de intelectuais reunidos por João Antônio Mascarenhas para entrevistar Winston Leyland, editor da revista gay norte-americana *Gay Sunshine*, para o jornal *O Pasquim*. Winston estava no Brasil com o objetivo de reunir material para compor uma antologia de contos com a temática homossexual em países latino-americanos. Na ocasião, estavam presentes Darcy Penteado, Adão Costa, Agnaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gaparino Damata, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry (MACRAE, 1990).

A proposta do jornal era trazer uma discussão política associada ao humor ácido e irônico característico da cultura *camp*. Apesar de ter como foco o público homossexual masculino, o jornal tratava de uma ampla variedade de temas ligados às chamadas “minorias”, veiculando várias matérias de interesse para as mulheres, negros, grupos indígenas e para o movimento ecológico.

A distribuição dessa publicação também não era feita como a dos jornais da década de 1960. O veículo era distribuído em bancas espalhadas pelo país, ao contrário do “mão



em mão” dos jornaizinhos caseiros. Sua produção também seguia uma lógica industrial. O jornal *O Lampion* teve forte impacto na construção do movimento homossexual brasileiro, fazendo circular ideias libertárias em relação à sexualidade. Muitos dos que participaram da construção do conteúdo dessa publicação também transitavam pelas reuniões do Grupo Somos, como João Silvério Trevisan.

Em 1979, é fundado o Grupo Somos em São Paulo, marco do surgimento do moderno movimento gay organizado no país. O grupo reunia uma rede de indivíduos, sobretudo homens da classe média intelectualizada. Essas pessoas se mantinham informadas sobre o que estava acontecendo em outros países, mormente em relação aos Estados Unidos. João Antônio Mascarenhas foi o exemplo mais emblemático dessa geração de ativistas, tendo sido o primeiro assinante no Brasil da revista *Gay Sunshine* (CÂMARA, 2002), que divulgaria ideias relacionadas à liberalização sexual.

Para Figari (2007), o aparecimento desses movimentos colocou efetivamente o debate sobre identidade homossexual na esfera pública (FIGARI, 2007). Com o surgimento do moderno movimento homossexual, vemos a progressiva dissolução das Turmas de homossexuais, ou pelo menos o seu esquecimento pela literatura especializada. O surgimento do movimento homossexual brasileiro coincide com um esforço de diferenciação e hierarquia em relação às Turmas de homossexuais da década de 1960. Criou-se uma distinção entre os “grupos de sociabilidade” e os “grupos de militância”.

No trabalho intitulado *Os respeitáveis militantes e as bichas loucas*, Edward MacRae (1982) chama a atenção para a crítica feita pelos movimentos de esquerda às táticas e estratégias políticas adotadas pelos militantes homossexuais. Para o autor, a rejeição à perspectiva *camp* seguida por esses movimentos tornaria a sua atuação política menos legítima quando comparada à dos “respeitados militantes”, educados na tradição socialista. Mais tarde, a busca por legitimidade tomaria força dentro do próprio movimento homossexual, em um processo de diferenciação com o qual se elegeria quem seriam os “respeitáveis militantes” e aqueles que deveriam ser consideradas *bichas loucas*.

Para os “respeitáveis militantes”, os modernos gays, os “grupos de sociabilidade” não passavam de um conjunto de *bichas* frívolas, sem nenhuma consciência política. Esses militantes trataram de afastar a presença dessas pessoas de suas reuniões e de seu círculo de amizades. A construção do moderno militante homossexual só foi possível em função da rejeição a uma série de características, sobretudo àquelas que associavam a



homossexualidade com o feminino. Por outro lado, os “grupos de sociabilidade” que ainda restaram, principalmente os integrantes da Turma OK, passaram a desaprovar a atuação política desses grupos. Essa recusa tornou-se ainda mais acirrada na luta contra a aids²⁴.

Michel Pollak (1987) destaca esse processo de redefinição da identidade homossexual que tomou de assalto o movimento que acabara de surgir.

Compreende-se que, no momento em que a opressão cedia, os militantes homossexuais tenham tentado antes de mais nada redefinir a identidade homossexual, liberando-a da imagem que faz do homossexual, na melhor das hipóteses, um homem efeminado, e, na pior, uma mulher que não deu certo. Em reação contra essa caricatura, o homem “superviril”, o “machão”, tornou-se o tipo ideal no meio homossexual: cabelos curtos, bigode e barba, corpo musculoso. (POLLAK, 1987, p. 68).

Para esse autor, a homossexualidade teria assistido, entre as décadas de 1970 e 1980, a uma “explosão discursiva” sem precedentes que a tirou do domínio do não-dito (POLLAK, 1987). Essa “explosão”, contudo, não tem apenas uma expressão positiva. Ela tem implicações lógicas que possibilitaram a redefinição do “papel homossexual” nesse contexto. Uma dessas implicações foi a “naturalização” da homossexualidade, cujo efeito foi o progressivo deslocamento da imagem da “bicha louca” para o “*macho man*”²⁵ (PERLONGHER, 1987). Esse processo, no entanto, gerou diversos conflitos que, ainda hoje, orientam as relações entre os “militantes homossexuais” e aqueles que, por diferentes razões, não encontram adequação nesse paradigma.

A resposta dada por Anuar Farah quando entrevistado pela ativista lésbica Leila Míccolis para *O Lampião*, em setembro de 1980, expressa a mágoa²⁶ sentida por esses homens em relação ao recém-criado movimento homossexual.

O que é movimento homossexual? Meia dúzia de viados escandalosos, no meio da rua, com tabuletas, “queremos igualdade, queremos aquilo, eleger fulano, abaixo?...” Acho uma anarquia. Agora; se o movimento homossexual é esta liberdade que nós temos hoje, essa motivação, esse trabalho honesto que fizemos, você vai ao teatro assiste atuações como as da Camile, da Rogéria, você liga a televisão vê textos maravilhosos como o Crime do Castiçal, pega o

²⁴ Falarei sobre isso mais detalhadamente no Capítulo II.

²⁵ A expressão *Macho Man* faz referência explícita a uma das músicas mais famosas do grupo musical *Village People*. Trata-se de uma banda *disco* surgida na década de 1970 nos Estados Unidos. Seu nome teve origem no conhecido reduto gay novaiorquino, *Greenwich Village*. O grupo ficou famoso mundialmente por seus componentes evocarem, através de roupas e da performance no palco, símbolos comumente associados ao universo masculino. Esses símbolos eram animados por personagens como o policial, o índio norte-americano, o *cowboy*, o operário, o soldado e o motociclista. Através desses tipos humanos reforçava-se a ideia de que o homem homossexual poderia ser tão macho quanto qualquer outro homem.

²⁶ No Capítulo III tratarei de forma mais detida esse assunto.

jornal de vocês [*O Lâmpião*] e encontra coisas sensacionais, realmente honesta, então isso é o movimento. Mas tem gente que diz que estamos trancados dentro de uma garrafa. Isso é ridículo. Acho que nós estamos atuantes, estamos aí, todo mundo pela rua, um movimento incrível, tudo o que se faz é honesto, aí eu acredito; agora essa questão de política não, não aceito, não existe mesmo²⁷.

O discurso inflamado de Anuar evoca o ressentimento em relação ao movimento homossexual, que teria se “esquecido” do protagonismo dos “grupos de sociabilidade” no processo de lutas pelas conquistas pela livre expressão sexual. Anuar está alertando sobre a crítica que os militantes fazem aos homens de sua geração, consideradas *bichas velhas*. Essa reputação tem se baseado na ideia de que homens como Anuar são frívolos e apolíticos, visto que suas festas e concursos são considerados completamente esvaziados de qualquer sentido político. Simultaneamente, para os “modernos militantes”, esses homens reproduziriam as convenções de gênero através do gosto por se “montarem” com roupas do outro gênero e do comportamento feminino com o qual muitos se identificam. O que Anuar defende não é um movimento no sentido estrito do termo, mas antes uma “política do cotidiano”, na qual os homossexuais poderiam ser vistos em diferentes espaços através de sua arte. Quando o entrevistei, aparentemente, essa visão ácida em relação aos grupos de militância tinha sido substituída. Ele agora reconhecia o protagonismo desse movimento, afirmando, contudo, que todo esse reconhecimento só foi obtido em função da atuação que homens como ele tiveram no passado. Em nossa conversa, ele ressaltou a importância desse movimento na conquista de direitos como aqueles que combatem à homofobia, mas não abriu mão de sua crítica ao “anarquismo” que empregava para acusar o movimento no passado.

Não somente os “grupos de sociabilidade” foram progressivamente rejeitados pelo MHB. Em 1987, quando dos debates em torno da incorporação das demandas dos homossexuais na constituinte, João Antônio Mascarenhas acentuaria ainda mais a diferença do militante homossexual de outras identidades sexuais. O grupo escolhido agora seria o das travestis (CÂMARA, 2002). Para Cristina Câmara (2002), essa iniciativa fazia parte de um esforço político de higienização do movimento, uma tentativa de dissociar os homens homossexuais das travestis, consideradas fortemente ligadas ao negócio da prostituição. Logo, o movimento homossexual passaria a ser representado por rostos

²⁷ Entrevista de Anuar Farah a Leila Miccolis, publicada no número 28 do jornal *O Lâmpião da Esquina*, em setembro de 1980.



jovens, livres dos estereótipos de gênero que marcariam a homossexualidade pela pecha do feminino.

Apesar do esforço de diferenciação operado pelo movimento homossexual que acabara de surgir são inegáveis as ligações entre esse movimento e aqueles grupos que se reuniam nos apartamentos. Dito de outra forma, foi a partir do “patrimônio simbólico” deixado por essa tradição de sociabilidade animada pelos homens que formaram as Turmas no passado que houve a formação de um contexto favorável à irrupção de um movimento social organizado em prol da reivindicação de direitos ao conjunto dos homossexuais. Reconheço, com isso, que esse movimento foi o resultado de um processo histórico no qual amigos e amantes construíram uma “identidade homossexual” capaz de ir muito além da interação sexual entre sujeitos do mesmo sexo.

Considerações finais

Neste artigo, me ocupei resumidamente da história da sociabilidade homossexual no Rio de Janeiro. A apropriação de espaços dedicados a esse tipo de sociabilidade data da virada do século, sendo amplamente retratada pelos médicos e psiquiatras interessados em solucionar o que consideravam um problema de ordem pública. O esforço desses especialistas em medicalizar a homossexualidade contribuiu para a construção de uma percepção pública do homossexual como uma espécie dotada de características próprias e historicamente datada (FOUCAULT, 1988).

Entre as décadas de 1950 e 1960, a cidade do Rio de Janeiro recebeu um número expressivo de homens que se relacionavam sexualmente com outros homens. Esses homens se dirigiam a esse grande centro urbano atraídos pelo estilo de vida citadino, sobretudo para desfrutarem do “relativo anonimato” constitutivo da vida nas grandes cidades. A rede de amizades construídas por esses homens homossexuais nas chamadas “Turmas” deu início a uma pulsante vida social, que incluía a criação e circulação de pequenos jornais e a realização de encontros em espaços públicos, como a Praia de Copacabana. Essa florescente sociabilidade possibilitou a construção de identidades coletivas, contribuindo para a gradativa visibilidade desse grupo no cenário urbano carioca.

A ideia que permeia todo este artigo é de que os homens que se reuniam em apartamentos foram os “pioneiros” na construção de uma identidade homossexual que ofereceu as bases para a configuração do movimento LGBT. Essa construção é fruto de um processo histórico no qual o que era um comportamento sexual sedimentado passa a ser percebido com uma identidade política. Analisando os processos que subjazem à criação das chamadas “políticas de identidade”, Kate Glazer e Brian Homes (*apud* ROUSSEL, 1995) elencam três momentos específicos pelos quais se conforma essa política: 1) a existência de uma situação de exclusão; 2) a construção de uma estratégia comunitária pautada na valorização da identidade que se origina da situação de exclusão; e 3) a problematização dessa identidade marginal, momento no qual o grupo toma consciência de que as categorias que o definem são historicamente construídas e, portanto, efêmeras (ROUSSEL, 1995). Para esses autores, o momento-chave que define a “política de identidade” é seguramente quando ocorre a autodefinição e a autorrepresentação do grupo como estruturantes para a sua mobilização. Acredito que esse momento foi iniciado no Brasil por essas Turmas de *bichas* e *bofes* que movimentaram a “vida gay” carioca na década de 1960.

Referências

CÂMARA, Cristina. **Cidadania e orientação sexual: a trajetória do Triângulo Rosa**. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.


CHAUNCEY, George. *Gay New York: gender, urban culture, and the making of the gay male world, 1890-1940*. New York: Basic Books, 1994.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob**. 2010. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

FIGARI, Carlos. **@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro (séculos XVII ao XX)**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o arco-íris: carnaval e homossexualidade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.



GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza. **“Corpos na cidade: sedução e sexualidade”**. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

HUMPHREYS, Laud. **“Exodus and identity: the emerging gay culture”**. In: LEVINE, Martin (org.). *Gay men: the sociology of male homosexuality*. New York: Harper & Row, 1979.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. **Memória e família**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 02, n. 03, p. 29-42, 1989.

MACRAE, Edward. **“Os respeitáveis militantes e as bichas loucas”**. In: EULÁLIO, Alexandre et al (Orgs.). *Caminhos cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **A Construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

MOTT, Luiz. *Homossexuais da Bahia: dicionário biográfico*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

MUNIZ, Jaqueline. **Mulher com mulher dá jacaré: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina**. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.


PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PARK, Robert Ezra. **“A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”**. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

POLLAK, Michael. **“A homossexualidade masculina ou: a felicidade no gueto?”**. In: ÁRIES, Philipe e BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 02, n. 03, p. 03-15, 1989.



ROUSSEL, Yves. *Le mouvement homosexuel français face aux stratégies identitaires. Les Temps Modernes*, mai-juin, 1995.

SIMMEL, George. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO. Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SOIHET, Rachel. **A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX e XX**, *Diálogos Latinoamericanos*, n. 02, Universidad Aarhus, *Latinoamericanistas*, p. 92-114, 2000.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VENCATO, Anna Paula. “**Existimos pelo prazer de ser mulher**”: **uma análise do Brazilian Crossdresser Club**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FROM ABUSED TO OLD FAGS: MEMORY, SOCIABILITY AND FRIENDSHIP IN THE PRE- BRAZILIAN HOMOSEXUAL MOVEMENT

Abstract: This article analyzes the relationship between memory, sociability and friendship based on the experience of two “pioneer” members of Turma OK, a group formed mostly by homosexual men based in Lapa, a central district of Rio de Janeiro. This group has been active since the 1960s, when these men began to come together to share similar life experiences. The analytical focus rests on the changes that have taken place around the notion of “homosexual identity” experienced by these agents since the emergence of the Homosexual Movement in the late 1970s. The narratives of these two “pioneers” express important transformations in the way of experiencing homosexuality. I also focus on the tensions and disputes of meaning between these “pioneers” and a generation of activists who emerge in the context of the modern Homosexual Movement. The data for the construction of this text were obtained through an in-depth life history interview conducted with two “old” members of Turma OK.

Keywords: Memory; Sociability; Homosexuality.

Recebido em: 30/09/2018

Aceito em: 23/11/2018